

VIVÊNCIA NO CONTEXTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA E SAÚDE MENTAL: UM MODO DE VOAR?

Experience in the context of solidarity economy and mental health: a way of flying?

Íris Smaniotto Roschel Rotger¹

Artigo encaminhado: 08/09/2021

Artigo aceito para publicação: 23/03/2024

QUEM NARRA?

Nasci em 1980. Me formei em fisioterapia no ano de 2002. O último ano da faculdade me atravessou de forma arrebatadora. Passei por um sofrimento mental que nunca havia sentido, severo. Obviamente recebi diversos diagnósticos. Mas estes não bastavam para amenizar a dor. Tive altos e baixos, até enfrentar uma crise psíquica grave em 2015. Desde então, nunca mais vivi o sofrimento que passei. Não tenho mais “sintomas”. Posso dizer que hoje estou bem, na medida que a sociedade que vivemos nos permite. A partir de 2015, me envolvi com serviços e movimentos relacionados à saúde mental, inicialmente para me cuidar e gradativamente me profissionalizei na área, a qual atuo hoje.

UM RECONHECER

¹ Graduação em Fisioterapia pela Universidade de São Paulo. E-mail: iristaao@gmail.com

Figura 1 – GOYA Y LUCIENTES, Francisco de. **Modo de Voar**. 1815 e 1816. Água-tinta, água forte e ponta seca com brunidor, sobre chapas de cobre medindo 305 x 435 mm; 254 x 366 mm.



Fonte: [Museo Nacional del Prado](#).

O *Modo de Voar* de Francisco de Goya (1746-1828), para Lopes (2017, p. 42): “[...] é o grande mote do desejo de liberdade [...] momento de júbilo”. Pude apreciar essa obra presencialmente em 2017 na CAIXA Cultural São Paulo (localizada na praça da Sé, no Edifício Sé - São Paulo/SP) na mostra *Loucuras Anunciadas*, da série *Disparates* do artista.

Ao conhecer a biografia de Goya no início da exposição, antes mesmo de ver a primeira gravura, fui capturada. Saber que ele passou por uma fase de adoecimento com origem misteriosa me remeteu aos meus momentos de sofrimento mental, que se iniciaram em 2002, no último ano da faculdade. Ninguém sabia dar nome ao que eu tinha, talvez por não ser possível colocar em palavras ou diagnósticos a dor que estava sentindo. Em seguida, soube que, após se restabelecer, Goya ficou surdo e por meio da arte expressou suas subjetividades mais profundas e conflituosas. Explicitou em seu trabalho críticas

sociais importantes, carregadas silenciosamente por anos de profissão e somente após a doença, a surdez e transformação de sua interação com o mundo pôde se expressar mais livremente.

Fui caminhando pela exposição e me deparei com um homem voador, acima de qualquer opressão: *O modo de voar*. Para mim, essa manifestação artística tem ligação com a ruptura de moldes pré-estabelecidos e um rebelar-se das opressões, impulsionada pelo desejo de liberdade que nos habita. Hoje olho para essa obra e vejo claramente como a coletividade é importante, o homem não está só: ele está com seus pares e provavelmente só conseguiu atingir as alturas por isso.

Imediatamente, associei a gravura com meus processos de superação, já que atribuo muito do bem-estar em que vivo há 9 anos às redes de apoio que me sustentaram e apostaram que eu poderia voar. Agora também tenho clareza de que minha gradual melhora, que se iniciou após uma grave crise, foi decorrente de anos de luta interior e busca por liberdade, desconstruindo padrões impostos e assimilados sem reflexão ou análise.

Anos de silenciamento decorrentes de carregar um diagnóstico psiquiátrico e a “loucura” que se cristaliza como estigma, segrega e silencia, com a anulação do direito de ser ouvido. A libertação também vem do manifestar suas ideias e subjetividades sendo feita de forma singular, Goya o fez através da arte.

A marginalização, ou poderíamos chamar de diferenciação, de pessoas em sofrimento mental não é algo recente. Ao contrário, historicamente elas carregam estigmas que variam de tempos em tempos, independentemente de serem consideradas como seres em contato com o divino (tendo uma conotação positiva em alguns contextos) ou como seres animais, oferecendo perigo à sociedade e resultando na retirada de seus direitos básicos (aqui com uma implicação negativa) (FOUCAULT, 2017). Decorrentes de umas das formas de se lidar com o sofrimento mental, vieram as internações, imposição perversa aos loucos. O trabalho passa a ser considerado sob a perspectiva da laborterapia. Aqui temos Foucault (2017, p. 75): “A própria exigência do trabalho está subordinada a um exercício de reforma e coação morais que proporciona, se não o sentido último,

pelo menos a justificativa essencial da internação”. Isso ocasiona o total isolamento dessas pessoas da comunidade e rejeição pela sociedade.

Contemporaneamente, com o sofrimento mental podendo ser caracterizado como doença ou transtorno, ainda há a supressão do discurso ou voz dos diagnosticados, prática de laborterapia e das internações (BRASIL, 2019). Não se considera a possibilidade de que a loucura simplesmente faça parte da diversidade inerente à espécie humana.

Mas devido às políticas públicas brasileiras, que garantem direitos (direito à saúde, ao trabalho, entre outros) e através da RAPS - Rede de Atenção Psicossocial, encontrei um lugar que convoca todos a manifestar sua voz e se posicionar no mundo: a Economia Solidária, vendo a reabilitação psicossocial acontecer na prática.

Uma questão importante é minha relação com o trabalho. Formei-me em fisioterapia e demorei anos para admitir e me dar conta de que não gostava dessa profissão, por rigidez, obstinação, falta de repensar minhas atitudes e o medo de *desistir* de algo em uma sociedade que considera a desistência como uma fraqueza. Felizmente, constatei que desistir de algo pode significar o primeiro passo para uma mudança, abertura para uma vida melhor, o mencionado *júbilo*.

Encontrar uma nova estrada é desafiador e minha busca por trabalho e autonomia se tornou um dos meus objetivos centrais, já que a dependência econômica muitas vezes é sinônimo de dependência emocional.

Segundo o Art. 3º da Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990, temos o trabalho e a geração de renda como direito e não como um tratamento (Brasil, 1990). Sua privação pode levar a problemas de saúde, ressaltando aqui o sofrimento psíquico. Além da retirada desse direito, sabemos que a dinâmica de realização do trabalho pode ser determinante no adoecimento mental e físico, como a flexibilização ou a atualmente chamada precarização do trabalho (ANTUNES, 2015).

Outro fator de adoecimento no trabalho foi considerado por Sato (2003, apud ANTUNES, 2015), que identificou entre os fatores que contribuem para a

maior incidência do processo de adoecimento a progressiva diminuição ou ausência do mínimo de controle dos trabalhadores sobre o processo de trabalho.

Embora o capitalismo seja hegemônico atualmente, existem outros modelos de subsistência e um deles é a economia solidária. Ela pode ser uma escolha feita de forma criteriosa por diferentes motivos, mas vemos como seu propulsor a prática da democracia através da autogestão, com algumas prerrogativas, como diz Tygel, (2017, p. 31 e p. 32):

[...] preconizando o entendimento do trabalho como um meio de libertação humana dentro de um processo de democratização econômica, criando uma alternativa à dimensão alienante e assalariada das relações do trabalho capitalista. E isso só é possível com a autogestão vivida por todas(os) que a praticam [...] Na vivência da autogestão, sentimos bem-estar pessoal, respeitando o próximo no coletivo dentro dos princípios da Economia Solidária. Ela expressa o entendimento de que gestão participativa é um processo de trabalhar no coletivo, mudando de postura, respeitando a opinião de todas(os), sem ter um(a) que decide e outro(a) que obedece.

DOIS OLHARES

Meu primeiro contato com a economia solidária foi através da saúde mental. Tive experiências de sofrimento psíquico que me levaram a um serviço da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), o Centro de Convivência e Cooperativa Ibirapuera, localizado dentro do Parque Ibirapuera, na cidade de São Paulo - SP. Minha primeira participação foi em uma oficina de convivência, com foco cultural.

Passadas algumas semanas, vi cartazes dentro do Cecco divulgando a “Ecosol”. Pensei ser algo relacionado à ecologia, o que despertou minha curiosidade. Até que me arrisquei a participar de uma assembleia mensal da “Ecosol” do Cecco e descobrir do que se tratava. A reunião foi em círculo, em que todos se enxergavam e ouviam. Os termos mencionados eram totalmente novos, como “Incubadora”, “Cooperativismo Social”, “Rede de Saúde Mental” e “Economia Solidária”, entre muitos outros, com falas sobre geração de renda e trabalho. Chegou o momento que descobri que o “Eco” de “Ecosol” se referia a economia e “Sol” a solidariedade. A partir daí, meu interesse redobrou e com atenção fui observando a dinâmica da assembleia. Recém-chegada, não conhecia nem um quinto dos presentes, mas havia técnicos de saúde e frequentadores do

Cecco. Não ousei dar opiniões para não falar bobagem. Notei que no encontro pautas eram levantadas e deliberações ocorriam, cada um se posicionando à sua maneira. Enfim, a reunião acaba e saio com o desejo de conhecer melhor e vivenciar mais a Economia Solidária.

Na semana seguinte, o Cecco fez um bazar com os produtos de suas oficinas, fui olhar e em uma mesa havia bonecas encantadoras, as abayomis. No mesmo instante, falei para a pessoa que estava ao meu lado que queria aprender a confeccioná-las. Para minha sorte, essa pessoa era uma técnica do Cecco e chamou a responsável pela oficina das abayomis. Na semana seguinte, já era a mais nova integrante do projeto que ocorria uma vez por semana, nas manhãs de sexta-feira. Essa foi minha iniciação na economia solidária. Naquela fase, não imaginava o quanto ela estaria presente em minha vida.

No primeiro dia de oficina, já aprendi a fazer a boneca com um frequentador, estranhei um pouco, pois estava acostumada com hierarquias e que somente os técnicos ou professores deveriam ensinar. Anos mais tarde, tomei consciência de que os verdadeiros especialistas são os próprios artesãos.

Essa dinâmica horizontal, de aprender com um usuário da saúde mental, escancarou que todos são capazes de ensinar e ocupar lugares diferentes, como o protagonismo do frequentador que foi meu mestre nas abayomis.

Fui criando intimidade com todos e sempre estive atenta ao vocabulário e às formas de tomar as decisões a respeito da oficina e, em algum momento, descobri que tinham como objetivo gerar renda. Estranhei, estava lá para tratar minha saúde mental e de repente estava trabalhando para gerar renda? Estava fora do mercado de trabalho formal há alguns anos e a oportunidade despertou um desejo de continuar lá e ver no que ia dar. A economia solidária já tinha me conquistado sem eu me dar conta, gerando renda de forma democrática.

As oficinas de abayomi eram muito prazerosas, sob vários aspectos, a convivência, a disciplina de estar lá todas as sextas de manhã e, acima de tudo, me dar conta de que era capaz de trabalhar. Até chegar o momento que percebi que o gosto de estar lá era decorrente da autogestão e trabalhar coletivamente na horizontalidade. Todas as decisões eram tomadas com a participação de todos.

Entretanto, mesmo neste núcleo pequeno de economia solidária pude notar que nas votações para encaminhamentos, nem todos se posicionavam, alguns acabavam votando pelo que a maioria decidia, ou então pelo que o técnico falava. Por ter passado por sofrimento mental sinto que tenho uma conexão ou janela aberta com outros que passaram por algo similar. Minha antena parabólica percebia hesitação e nervosismo de alguns ao terem que se posicionar, ao falar e votar. Minha inquietação em imaginar o que se passa na cabeça e coração das pessoas que não debatem, não argumentam e relutam na tomada de decisões me perturba até hoje, pois é incômodo perceber que a oportunidade de ter a voz ouvida pode ser um sofrimento e não um momento de emancipação. Para mim, as assembleias sempre foram um chamamento para manifestar minha voz, mas será que era assim para todos? Será que não era necessário dar uma atenção especial para isso? Outro aspecto que merece destaque é que a economia solidária propõe um processo de trabalho no qual todos têm direito à voz de forma factual através dos votos nas assembleias. Mas temos com Veronese (2009, p. 159) que “[...] quem tem maior capacidade expressiva/discursiva – dentro de uma usual concepção – pode acabar assumindo papel de “chefe”, caracterizando a troca desigual”.

Quando falo de trabalho no contexto de pessoas com sofrimento mental intenso, vejo que historicamente elas não são ouvidas. Essa voz negada é levada em consideração na prática das assembleias e da reabilitação psicossocial?

Nota-se a importância da amplificação da voz como manifestação da subjetividade através da poesia “Falar” de Hermann Hesse (1954, p. 55-57):

Falar

O sol nos fala com luz,
A flor com aroma e cores,
O ar nos fala com nuvem, chuva e neve.
Um insaciável impulso, uma força cega,
Vive no santuário do mundo,
Uma violenta pulsão nos impele
A romper a mudez das coisas,
E com palavra, gesto, som e cor,
Exprimir o mistério do ser.
Aqui jorra a clara fonte das artes,
O mundo luta: pela palavra, pela revelação,
Pelo espírito, e iluminado, anuncia
A eterna experiência pelos lábios humanos.

Toda a vida anseia pela fala,
Nossa busca abafada suplica
Em palavra, em cifra, traço, cor e som,
E constrói dos significados
O trono cada vez mais alto.
Vermelho e azul na flor,
Na palavra do poeta a criação
Constrói-se interiormente,
Sempre começada e nunca concluída.
E onde palavra e som se unem
Onde soa a canção e a arte desabrocha
Plasma-se a cada vez de novo o mundo,
De toda existência o sentido,
E cada nova canção e cada livro
E cada quadro é uma revelação,
Uma nova centésima tentativa
De realizar a unidade da vida.
A poesia, a música, te seduzem
A penetrar nesta unidade,
Compreender a criação variegada?
Um só olhar no espelho basta.
O que nos apresenta confuso
Se torna claro e simples na poesia:
A flor sorri, a nuvem chove,
O mundo faz sentido, a mudez fala.

Alguns meses depois, passo na biblioteca da UMAPAZ - Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz, que também fica dentro do Parque Ibirapuera e despretensiosamente pergunto a bibliotecária se teria um livro sobre economia solidária. Para minha surpresa, tinha o livro *Introdução à Economia Solidária*, do Paul Singer (2002). Peguei a publicação e fui para casa, sem saber a preciosidade que carregava nas mãos. Assim que cheguei, comecei a leitura e não conseguia parar, foi encantador. Uma escrita leve que abordava temas que nunca tivera contato, pois sou formada em Fisioterapia, área de biológicas.

Sempre digo que minha história na economia solidária foi às avessas. Aprendi seus princípios na prática e depois fui ao encontro da teoria. Isso me trouxe espírito crítico, fazia minhas leituras com as reuniões em mente e pensava “Aqui no livro está lindo, mas o que vejo na prática não é bem assim”.

Com a experiência positiva que *eu* tive na economia solidária, com a busca pela teoria e pela solidariedade aos que passam pelo mesmo que eu, surgiu o desejo de realizar uma pesquisa para entender a efetividade das assembleias na economia solidária, não para simplesmente criticá-la e sim para criar estratégias

que convocassem *todos* ao chamado que ela propõe: a voz manifestada ser realmente levada em consideração.

A minha motivação para esse questionamento estava relacionada às reflexões e críticas internas, sem a pretensão de abarcar ou de resolver por inteiro o tema, mas sim fazer um filosofar impulsionado pelo que tocou meu espírito, como Pieper (1989, p. 11) propõe: “[...] a busca amorosa desse saber, de um lado interminável, mas do outro proveitosa”.

E DEPOIS?

Com o peito aberto e batidas fortes no coração, decidi, assim como a personagem *mulher da limpeza* em “O Conto da Ilha Desconhecida”, de José Saramago: “[...] e saiu com o balde e a vassoura por outra porta, a das decisões, que é raro ser usada, mas quando o é, é.” Pois é, assim que me senti. Fui em busca de um novo caminho que trilho até hoje.

Um dos passos foi em 2015: comecei a ser militante na Rede de Saúde Mental e Economia Solidária, movimento social autônomo que fomenta a economia solidária na saúde mental. Eu fazia o que podia, não era profissional da área de saúde mental, mas me dedicava ao máximo, registrava atas, enviava e-mails, participava da organização de feiras que comercializassem e gerassem renda.

Essa dedicação me levou a ser selecionada, em 2017, para um Intercâmbio Internacional na Itália e para conhecer o primeiro local do mundo onde um hospital psiquiátrico abriu suas portas e fechou a instituição manicomial: Trieste. Tudo foi financiado pela então política pública da economia solidária de 2017.

Acho que o tal depois começou aí: na ida para Trieste. Ver o que antes era um manicômio, transformado em San Giovanni, local que agora dá vida a cooperativas sociais, uma faculdade, anfiteatros que fomentam a arte, me impulsionou a levar do mundo das ideias para a concretude os questionamentos sobre a incoerência entre prática e teoria. E acima de tudo, me fez desejar trabalhar na área que me acolheu: a da saúde mental. Fui contratada formalmente para executar um projeto do Governo Federal que fomentava o movimento da

Rede de Saúde Mental e Economia Solidária. O depois foi além, fiz um curso de acompanhamento terapêutico, profissão em que atuo até hoje.

O desejo de responder as perguntas que surgiram no caminho se aproximou de ser realizado ao fazer uma disciplina como aluna especial na UNIFESP da cidade de São Paulo. Mas não posso negar meu envolvimento pessoal e estar mergulhada na situação. A minha angústia em perceber a dificuldade de alguns em se posicionarem utilizando sua própria voz evidencia que não sou neutra. Assumir essa parcialidade é crucial para refinar meu olhar se quiser ir mais fundo em meu desejo, realizar uma pesquisa com metodologia científica.

Pode parecer um disparate contraproducente uma pessoa com transtorno mental estudar seus próprios pares, mas a resposta a uma demanda que pode evitar novos apagamentos justifica minha busca, remetendo a Lopes (2017, p. 47) para *Disparate Claro* de Goya:

[...] como fecho desta série, vingam-se dos abusos da monarquia absolutista. “Onde não há honra, não há desonra”. O povo declara a desobediência geral, rompe as amarras e lança fora o militar que representa a interdição. Juntos, levantam a lona do circo do cotidiano e deixam entrar a luz da utopia.

Figura 2 - GOYA Y LUCIENTES, Francisco de. **Disparate Claro**. 1815 e 1819. Água-tinta, água forte e ponta seca com brunidor, sobre chapas de cobre medindo 305 x 435 mm; 337 x 502 mm.



Fonte: [Museo Nacional del Prado](#).

O AGORA!

O hoje só é, devido a trajetória que compartilhei. Atualmente trabalho em um serviço do SUS que atua na área da saúde mental e da economia solidária. Este trabalho tem um encanto. Quando entrei na Rede de Saúde Mental e Economia Solidária, literalmente verbalizei para um grupo de pessoas que mal conhecia: “meu sonho é trabalhar neste serviço” e cá estou, 9 anos depois, voando ao lado dos meus pares, sem perder de vista meu desejo de realizar uma pesquisa nos moldes acadêmicos de forma a entender e fomentar a escuta de vozes que estão lá, silenciadas, porém latentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a oportunidade de participar como aluna especial da disciplina Humanidades e Saúde 2021/1, no Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – CeHFi/Unifesp, que me impulsionou a escrever este artigo, já que foi a tarefa final exigida. Essa demanda da disciplina me desafiou a escrever um artigo sozinha, algo que nunca fiz. Faço questão de mencionar o nome dos professores que me orientaram e apoiaram a escrever este texto: Dante Marcello Claramonte Gallian, Nádia Vieira, Fabíola Holanda e Caroline Ballan. E que fique registrado o carinho e admiração pela minha professora de redação: Tati Fadel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. *A sociedade dos adoecimentos no trabalho*. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set. 2015.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura. Conselho Nacional do Ministério Público. Ministério Público do Trabalho. *Hospitais Psiquiátricos no Brasil: Relatório de inspeções nacional/ Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas*, 1ª ed. Brasília: CFP, 2019b. 553 p. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/hospitais-psiquiatricos-no-brasil-relatorio-de-inspecao-nacional/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

BRASIL. *Lei nº 12.864, de 24 de setembro de 2013*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12864.htm. Acesso em: 04 ago. 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. 11ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

HESSE, Hermann. Poema Falar. *Transformações*. Rio de Janeiro: Record, 1954, p. 55-57.

LOPES, Cláudia. *Catálogo Loucuras Anunciadas: Francisco Goya / Curadoria Mariza Bertoli*. Guarulhos: Arte Impressa, 2017. Disponível em: [catálogo loucuras anunciadas francisco goya 02.cdr](#) . Acesso em: 31 jul. 2021.

GOYA Y LUCIENTES, Francisco de. *Disparate Claro*. 1815 e 1819. Água-tinta, água forte e ponta seca com brunidor, sobre chapas de cobre medindo 305 x 435 mm; 337 x 502 mm. 1ª ed. Madrid: La Academia de Belas Artes de San Fernando. Disponível em: [Disparate claro - Colección - Museo Nacional del Prado](#). Acesso em: 31 jul. 2021.

GOYA Y LUCIENTES, Francisco de. *Modo de Voar*. 1815 e 1816. Água-tinta, água forte e ponta seca com brunidor, sobre chapas de cobre medindo 305 x 435 mm; 254 x 366 mm. 1ª ed., Madrid: La Academia de Belas Artes de San Fernando. Disponível em: [Modo de voar - Colección - Museo Nacional del Prado](#). Acesso em: 31 jul. 2021.

PIEPER, Josef. *A Abertura para o Todo: a Chance da Universidade*. Ensaio. São Paulo, Apel, 1989.

SARAMAGO, José. *O Conto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.23.

SATO, L. *Saúde e controle no trabalho: feições de um antigo problema*. In: JACQUES, M.G.; CODO, W. (Orgs.) *Saúde mental & trabalho: leituras*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 31-49.

SINGER, Paul Israel. *Introdução à economia solidária*. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. 2002.

TYGEL, Daniel. *Envolver o mundo com a economia solidária*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. 51 p. em braile (Série Trilhas da Inclusão; caderno 1).

VERONESE, Marília Veríssimo. *Subjetividade, trabalho e economia solidária*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 84, p. 153-167, mar. 2009